

PREFÁCIO: ESPAÇOS

(Deborah Walter de Moura Castro e Paulo Henrique Caetano)

Espaços foi o termo que encontramos para sintetizar esta edição especial da *Art & Sensorium*, que traz um conjunto de artigos apresentados no I Simpósio Internacional em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (SIAUS), que aconteceu em outubro de 2017, na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Minas Gerais. O Simpósio foi o primeiro evento do recém criado Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) da UFSJ. Foram dias de muito trabalho e de trocas intensas entre pares, discentes e docentes, artistas, pesquisadoras e pesquisadores, com sonhos semelhantes e com muita vontade de produzir ciência e arte, e contribuir para uma sociedade mais justa, equilibrada, solidária e feliz. E no intuito de darmos um passo adiante nas discussões que surgiram no SIAUS, aprofundando um pouco mais nas pautas sensíveis que tiveram destaque e que acreditamos serem caras para a sociedade, construímos esta coletânea.

Iniciamos com uma temática aparentemente local, mas que é também universal, com o artigo "ANALISES DE PROCESSOS CRIATIVOS INFLUENCIADOS PELO ESPAÇO E MEMÓRIA" (MIRANDA; MORANDI; SCHIAVONI). O texto desvela um marco geográfico natural de São João del-Rei, projetando a relação entre espaço e criatividade, a partir de uma discussão teórica paralela a uma análise de camadas de processos criativos desenvolvidos na Serra do Lenheiro, desde a pré-história. O próprio conceito de criatividade é explorado no artigo, sendo desdobrado, por exemplo, nas formas de criatividade exploratória, transformacional e combinacional, além de quatro níveis, eminente, profissional, cotidiana e pessoal. E essas definições subsidiam a classificação de produtos artísticos analisados, fazendo também chamar a atenção para a importância da Serra e seus significados na região. São **espaços** naturais desnaturalizados para que sejam, novamente, naturalizados.

Numa outra frente, o artigo "Aspectos da sustentabilidade e colaboração na arte digital" (ALMEIDA; SCHIAVONI) advoga pela premência de se analisar a tecnologia sob o viés da sustentabilidade. Um aspecto central da discussão é a questão de softwares livres, que seriam um recurso privilegiado para práticas artísticas mais sustentáveis, uma vez que seus códigos são publicizados e suas intencionalidades são mais transparentes, dotando artistas com maior autonomia e capacidade de ação. A discussão parte de uma revisão do conceito de tecnologia e suas implicações para o fazer artístico, uma vez que o meio digital tem que ser pensado como parte integrante do processo de criação, de recepção e de circulação de produtos artísticos. São **espaços**

de criatividade e de empoderamento tecnológico e intelectual, visando relações artísticas sustentáveis.

O artigo "DESAFIOS PARA UMA CIDADANIA PLENA: A QUESTÃO DO DESIGN URBANO SEM GÊNERO" (BRAGA; CAETANO; SILVA) propõe uma discussão acerca do desequilíbrio em termos de acesso a uma cidadania plena, analisando como diferentes identidades de gênero têm diferentes graus de segurança e liberdade para transitar e usufruir dos espaços das cidades. A ideia do texto partiu dos dados de uma pesquisa com estudantes da UFSJ, que avaliava como se sentiam em relação à segurança e acesso nos campi da Universidade. Instigados pela disparidade entre as respostas de homens e mulheres, o design urbano foi colocado em questão. Além de exemplos dos campos da moda e das artes visuais, o artigo apresenta quatro iniciativas que apontam para boas práticas, revelando possibilidades de um design urbano sem gênero. São práticas espaciais para os espaços urbanos, que não são urbanos para todas as pessoas. **Espaços** de cidadania, sempre em construção.

O artigo "Música como leitura sensível de dinâmicas urbanas: Milton Nascimento e o desmonte da ferrovia Bahia-Minas" (BALDAM; LEONELI) trabalha o espaço urbano e transitório que é apresentado na canção "Ponta de Areia", de Milton Nascimento e Fernando Brant, a partir de uma análise musical multifacetada, que compreende elementos líricos, melódicos, harmônicos e semióticos. O texto busca desvelar leituras tácitas sobre o esgotamento econômico, social, cultural e histórico do modelo de desenvolvimento brasileiro que tinha sua base no sistema de ferrovias. Com essa metodologia apresentada, a música passa a ser um instrumento de 'tradução' e de síntese de questionamentos e interpretações da população acerca dos fenômenos do desenvolvimento urbano. São **espaços** de espera e de transição, estáticos e dinâmicos.

O capítulo "Pichação no espaço escolar: um desafio político" (ARAÚJO; REIS; TORRES) traz um relato da experiência de uma oficina realizada com estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Paulo de Frontin, na Zona Norte do Rio de Janeiro. A questão foi tratada de uma maneira profunda e corajosa, a partir de diversos estímulos, e percebeu-se que havia muito interesse em debater a pichação na comunidade escolar, assim como contrastá-la com a linguagem do grafite. Outro debate foi sobre o processo gradativo de 'patrimonialização' do grafite, oposto à criminalização da pichação, a qual contém, além de outros elementos identitários, a latência de marcas de facções criminosas no espaço escolar. A temática mostrou-se um desafio instigante, e longe de fazer emergir uma unanimidade, apontou uma série de possibilidades e questionamentos, revelando **espaços** de diferenças, e de indiferenças.

O capítulo "Participação em instalações interativas" (MAMEDES) apresenta uma discussão da poética de obras de arte participativas, aprofundando em seus processos formais de desenvolvimento, ao passo que acessa questões de estética relacionadas aos visitantes e seus recursos de interpretação e sensibilização pela arte. A partir da análise de três obras audiovisuais do próprio autor, o texto objetiva ampliar "o conceito de função política da obra de arte no contexto da estética relacional e da arte crítica", defendendo que esta não tem que desempenhar uma função didática, pois a carga estética culturalmente construída e habilitadora de uma capacidade estética de sentido já contempla, de maneira efetiva e autêntica, o engajamento do sujeito interpelado. Há um 'chamado' para um envolvimento não catártico na noção de obra de arte interativa que o autor aproxima ao que o teatro de Brecht fez. São **espaços** imprevisíveis, somente realizados nas interações.

O artigo "Reflexões acerca da instalação Cogumelos da terra" (MIRANDA; TREVISAN) discute o processo de criação da instalação artística "Cogumelos da terra", que compõe a série Proliferar. A instalação *site-specific* consiste de inúmeros cogumelos em cerâmica, em uma superfície de terra, agrupados de tal forma que estabelecem uma analogia com a ocupação do território e dos espaços urbanos, com um convite para que os visitantes se relacionem "com uma obra aberta", conceito central do artigo, inspirado no texto de Mamedes acima, com o qual estabelece diálogo. O texto parte de fundamentos da cerâmica, sua estrutura e peculiaridades, culminando na modelagem das peças que compõem a obra, fruto de um processo poético e artístico. A reflexão sobre o próprio trabalho, motivada pela observação da reação dos visitantes, faz sempre emergir novos significados e novas camadas e sensibilidade. São **espaços** de abertura, de diálogo, de construção.

O artigo "Intransferência" (PARRA) é homônimo de uma obra artemídia do mesmo autor, sobre a qual elabora seu argumento, pensando na relação do sujeito com dispositivos de biometria, os quais traduzem elementos corporais para conceitos no campo da economia, provocando uma reflexão sobre a mercantilização da vida e do corpo. As palavras-chave listadas que mais sintetizam essa discussão são 'biotecnologia' e 'mercadoria', pois quando aproximadas revelam um aspecto frio do desenvolvimento das sociedades, o que a obra em questão, esse 'dispositivo teleinformático', faz ao captar o peso de transeuntes e calcular sua 'composição química elementar'. Os resultados desses cálculos, vertidos em infográficos e escalas, convertidos em índices econômicos do mercado financeiro, são projetados ao final do dia nas paredes dos edifícios corporativos na frente dos quais a obra é instalada. São **espaços** de revelação, tornados mercadorias para outros mercados.

No artigo "Lembrar do que nunca foi memória: uma ode ao esquecimento", Castro faz reflexões sobre um conjunto de obras *non-site* de sua autoria, intituladas "Ninguém chora a morte das folhas". Partindo do conto "O Livro de Areia", com o qual estabelece paralelos, a autora destaca um interesse semelhante ao de Borges, quando busca "metaforizar o vestígio como evidência de esquecimento", ao comentar a sua própria obra como algo irrecuperável, tal qual um livro de areia. As folhas mortas, secas e extraviadas de árvores e com as quais confeccionou seu trabalho, coletadas nas vias, tornam-se protagonistas anônimas de uma cena "à margem de nossas memórias". O texto estabelece diálogo com diferentes autores e experiências artísticas, além de discutir a questão da presença e ausência suscitada pelas folhas, análogas às folhas de papel, tendo o silêncio também como elemento fulcral na discussão. São **espaços** de silêncios e esquecimentos, de rastros e vestígios.

O artigo "Análise do evento Cosplay Lavras: reflexões sobre heterotopias" (SANTOS) tem como ponto de partida um evento realizado em Lavras, em 2017, que é avaliado como "uma zona autônoma e temporária de resistência contra determinadas pressões socioculturais", e no qual foi observada a participação de diversos perfis identitários. O texto ressalta a importância de espaços dessa natureza, em que a diversidade é celebrada e em que há também aperfeiçoamento artístico, científico e tecnológico, na medida em que a atividade de Cosplay se instaura como um elemento multicultural e aglutinador de utopias no contexto do desenvolvimento das cidades. Algumas definições vinculadas à questão do espaço são exploradas no texto, bem como a questão das utopias

e sua relação com a própria ocupação desse espaço, de forma que o evento relatado indica um ‘nicho’, ou uma ‘subcultura’, sendo uma forma de “enfrentamento diante de uma realidade social ou política”. São **espaços** de identidades, individualidades, utopias.

O texto "As Cidades Sensíveis: Ação Poética por meio da Memória da Experiência" (CARVALHO; PEREIRA; SILVA; SIQUEIRA) encerra a coletânea, fazendo o relato de uma performance que foi gerada numa disciplina do PIPAUS, chamada “Troca de Saberes”. O artigo descreve as motivações do trabalho, seu método de desenvolvimento e as experiências assimiladas, buscando as “experimentações que deixamos de nos submeter ao lidarmos com o cotidiano de nossas vidas corridas dentro do meio urbano”. Há uma constatação de que a ocupação dos espaços urbanos se dá de maneira irrefletida, tangida pelo movimento das atividades econômicas e sociais. E a performance foi idealizada no sentido de quebrar essas relações naturalizadas com o espaço e apontar novos significados para a cidade. Esta, sendo tomada a partir dos sentidos gerados pela experiência sensorial de performers se torna um novo **espaço** para cada um/a, com novas camadas e significados e com novas possibilidades.

São todos **espaços** de novidades e de renovação, de caminhos a trilhar, de possibilidades e de porvires. Boas leituras!